

Dom Bosco e sua data de nascimento

Os arquivos falam de 16 de agosto: mas há uma interpretação curiosa e afetuosa.

Os dados do arquivo

O Registro de Batismos da Paróquia de Santo André em Castelnuovo d'Asti fala claramente no registro latino do pároco P. Sismondo. Apresentamos aqui a tradução em português: *“17 de agosto de 1815. – João Melquior Bosco, filho de Francisco Luís Bosco e Margarida Occhiena Bosco, casados, nascido ontem à noite e hoje solenemente batizado pelo Reverendíssimo P. José Festa, Vigário. Os padrinhos foram Melquior Occhiena, de Capriglio, e Madalena Bosco, viúva do falecido Segundo Occhiena, de Castelnuovo. P. José Sismondo, pároco e vigário Forâneo”.*

Portanto, de acordo com a Ata oficial de Batismo, Dom Bosco nasceu na noite de 16 de agosto de 1815. No entanto, Dom Bosco em suas “Memórias” afirma:

“O dia consagrado a Maria Assunta ao céu foi o do meu nascimento, no ano de 1815; em Murialdo, um lugarejo de Castelnuovo d'Asti”.

A diferença parece óbvia, mesmo que Dom Bosco não tenha escrito que nasceu em 15 de agosto, mas simplesmente “no dia consagrado a Maria Assunta ao céu”.

Até a morte de Dom Bosco, sempre se interpretou “dia consagrado a Maria Assunta ao céu” em seu significado mais óbvio, ou seja, “15 de agosto”, sem que Dom Bosco fizesse qualquer comentário a respeito.

Assim se pode ler no Boletim Salesiano de janeiro de 1879, como também no livro sobre *Dom Bosco e a Sociedade Salesiana* publicado por Du Boys em Paris em 1884; assim também no pergaminho colocado no caixão de Dom Bosco em 2 de fevereiro de 1888 e também assinado pelo padre Rua.

Logo após a morte de Dom Bosco, porém, os salesianos sentiram a urgência de reunir todas as evidências possíveis sobre ele, com vistas a um processo de beatificação e canonização. Foi nesse clima de pesquisa que o salesiano de Castelnuovo d'Asti, P. Segundo Marchisio, foi a Castelnuovo d'Asti, com a intenção de interrogar as pessoas mais velhas dos Becchi, Castelnuovo e Moncuoco sobre o que lembravam da juventude de Dom Bosco. Depois de cerca de três meses de trabalho, o P. Marchisio voltou a Turim em outubro de 1888 com uma grande quantidade de testemunhos. Entre outras coisas, ele também fez questão de consultar os arquivos paroquiais de Castelnuovo, onde viu o registro de batismo que indicava 16 de agosto, e não 15, como a data de nascimento de Dom Bosco.

É natural, portanto, que se pergunte se Dom Bosco ou seu pároco cometeram um erro, ou se os parentes informaram uma data por outra, como às vezes acontece, ou se, como alguns especulam, Dom Bosco ajustou deliberadamente a data para que seu nascimento caísse no Dia da Assunção. Para responder a essas perguntas, devemos primeiro relembrar o ambiente popular da época.

Nossa Senhora de Agosto no calendário do povo

Em nossos vilarejos piemonteses, e não apenas neles, as pessoas costumavam indicar os dias festivos não com uma data no calendário, mas com o nome de um santo, de uma festa, de uma comemoração, de um evento.

O primeiro dia de janeiro era chamado simplesmente de "*o dia da estreia*" (*él dì dla strena*); os últimos dias daquele mês "*os dias da merla*" (*ij dì dla merla*), e assim por diante. Dia 3 de fevereiro era o dia da *bênção da garganta*; 6 de junho, em Turim, o *dia do milagre*; 23-24, a *festa de São João*; 8 de setembro, *Nossa Senhora de Setembro*, e assim por diante.

Na época, não havia tanta preocupação como há hoje com os números do calendário. As datas de nascimento, batismo e morte só podiam ser encontradas nos registros paroquiais, que, até 1866, eram os únicos registros de nascimentos existentes e, além disso, até 1838, escritos apenas em latim.

Nessa situação, é possível entender como os três dias da metade de agosto, 14-15-16, eram chamados simplesmente de “*Nossa Senhora de agosto*” (*La Madòna d’agost*).

A Festa da Assunção era uma das festividades mais importantes e vivenciadas do ano, e a devoção a Nossa Senhora de agosto estava entre as mais arraigadas e celebradas em todo o Piemonte. Basta pensar que as catedrais de Asti, Ivrea, Novara, Saluzzo e Tortona são dedicadas a Nossa Senhora da Assunção e que, ainda hoje, em todas as dioceses piemontesas, nada menos que 201 (duzentas e uma!) igrejas paroquiais são dedicadas a Nossa Senhora da Assunção. Para citar apenas algumas, lembramos a paróquia de Arignano, Lauriano, Marentino, Riva de Chieri e Villafranca d’Asti, entre os vilarejos mais próximos de Castelnuovo. E é bom recordar que a diocese de Acqui tem 9 paróquias dedicadas à Assunção, a de Alba tem 10, Alessandria 9, Aosta 5, Asti 4, Biella 9, Casale 9, Cuneo 4, Fossano 3, Ivrea 12, Mondovì 18, Novara 34, Pinerolo 6, Saluzzo 12, Susa 7, Turim 16, Vercelli 18, Tortona 28, 16 das quais em território piemontês.

Como se pode imaginar, a festa de Nossa Senhora de agosto era celebrada solenemente em todos os lugares com procissões e festivais que duravam no mínimo três dias. Ainda hoje, em Castelnuovo Dom Bosco, a Festa da Assunção (*èl dì dla Madòna* – note-se a semelhança com a frase de Dom Bosco “o dia consagrado a Maria Assunta ao céu”) é celebrada com grande solenidade. Depois de uma devota novena de oração, todos se reúnem em torno de Nossa Senhora do Castelo para a procissão, tanto as autoridades quanto os habitantes da cidade. Seguem-se oito dias de alegria, com carrosséis e carros alegóricos na praça. Não é preciso dizer que a festa de São Roque, em 16 de agosto, não é considerada uma festa em si, mas praticamente se funde com a festa da Assunção.

A data de nascimento de Dom Bosco

É somente considerando esses costumes e devoções que se pode entender a data de nascimento de Dom Bosco. Mãe Margarida

deve ter dito sempre a seu filho João: “*Você nasceu no dia de Nossa Senhora de Agosto*”. Obviamente não temos nenhum registro escrito disso, mas quem conhece o ambiente e a língua não consegue imaginar uma expressão diferente nos lábios dela. E quando, em 1873, por ordem de Pio IX, Dom Bosco estava finalmente prestes a compilar suas “Memórias”, italianizando, com um dos muitos dialetismos tão frequentes em sua escrita, a expressão piemontesa de sua mãe (*a la Madòna d’agost*), escreveu: “O dia consagrado a Maria Assunta ao céu foi o do meu nascimento no ano de 1815”.

O P. Eugênio Ceria, biógrafo de Dom Bosco, como bom piemontês, dá à frase a interpretação que fizemos nossa: “Vale a pena lembrar que no Piemonte, de algo que aconteceu um pouco antes ou um pouco depois do dia 15 de agosto, costuma-se dizer, sem especificar muito, que aconteceu na Nossa Senhora de agosto, e todos veem a fácil consequência”.



Certidão de nascimento de Dom Bosco

O P. Miguel Molineris, atento colecionador de costumes locais, continua com a mesma opinião, enquanto o P. Terésio Bosco propõe uma nova interpretação possível: “Sua mãe lhe havia dito muitas vezes: – você nasceu no dia de Nossa Senhora; e Dom Bosco repetiu durante toda a sua vida que havia nascido no dia 15 de agosto de 1815, festa da Assunção. Será que ele nunca foi consultar o registro paroquial onde está escrito que ele nasceu no dia 16 de agosto? Um erro de sua mãe? Uma distração do pároco? Provavelmente não. Naquela época, os párocos exigiam que seus cristãos levassem os recém-nascidos para o batismo nas primeiras vinte e quatro horas. Muitos pais, para não arriscar a vida da criança, a levavam alguns dias depois e, para não provocar a ira do pároco, adiavam o dia do nascimento. Foi o que aconteceu com José Verdi, contemporâneo de Dom Bosco, e com muitos outros. E as crianças acreditavam mais nas mães do que nos registros.”

O autor deste artigo sabe que nasceu no dia 27 de agosto; no entanto, os documentos de registro lhe atribuem o dia 28 como o dia do nascimento; portanto, ele não será o primeiro a negar a possibilidade da hipótese de que Dom Bosco possa realmente ter nascido no dia 15.

O que permanece inaceitável, ao contrário, é a hipótese de que se trata de um truque de Dom Bosco, para poder, manipulando a data de seu nascimento, construir uma lenda para si mesmo, uma espécie de biografia exemplar que teria como primeiro fato providencial o nascimento do herói no dia 15 de agosto, dia exato da Assunção.

Dom Bosco era, sem dúvida, um contador de histórias muito hábil, que sabia colorir e ampliar os detalhes de um fato para despertar o interesse, o espanto ou a hilaridade de seus jovens ouvintes, ou arredondar os números para abrir os as carteiras e fazê-los refletir sobre o desenvolvimento incomparável de sua obra, mas não era um enganador, nem ingênuo. Quem pode imaginá-lo tão ignorante a ponto de não saber que, mais cedo ou mais tarde, a verdadeira data de seu nascimento seria conhecida?

Deveria ficar bem claro para aqueles que conhecem o santo dos Becchi que ele não era um homem que se fixava no significado “cronístico” das datas, mas no significado religioso. Para ele, a história humana, até mesmo sua história pessoal, era uma história sagrada, uma história providencial de salvação. Ele viu um plano divino em sua própria vida e queria que os seus se lembrassem disso para o próprio encorajamento.

Resumindo

Podemos, portanto, resumir e concluir dizendo que a data de 16 de agosto, fornecida pelo registro paroquial, é, muito provavelmente, a correta; mas não se pode excluir completamente que Dom Bosco tenha, de fato, nascido no dia 15. Seja como for, Dom Bosco sabia que tinha nascido “em Nossa Senhora de Agosto” e estava feliz com isso.

As duas datas de 15 e 16 não eram, no entendimento popular da época, substancialmente separadas. Eram uma única festa, a da

Assunção. Portanto, em ambos os casos, poder-se-ia falar de um “dia consagrado a Maria Assunta ao céu”.

Não temos conhecimento de que Dom Bosco tenha falado expressamente de “15 de agosto”, mas é possível, tanto mais que não se pode excluir que ele acreditasse que essa data fosse correta.

Certamente era nisso que os discípulos acreditavam antes de sua morte, interpretando em sentido restrito afirmações como esta: “Nasci no dia de Nossa Senhora de Agosto” (não nos esqueçamos de que com Dom Bosco, em conversas particulares, a maioria ainda falava em piemontês).

A Santa Mãe Margarida, ao entrar no seminário, também lhe dissera: “Quando você veio ao mundo, eu o consagrei à Bem-aventurada Virgem Maria; quando começou seus estudos, recomendei-lhe a devoção a esta nossa Mãe: agora recomendo-lhe que seja todo dela: ame os companheiros devotos de Maria; e, se se tornar sacerdote, recomende e propague a devoção a Maria”. E assim Dom Bosco fez durante toda a sua vida.

Em uma fria manhã de inverno, 31 de janeiro de 1888, Dom Bosco encerrou sua peregrinação terrena em Valdocco ao som da Ave Maria. Esse seria o fim de uma longa e cansativa jornada empreendida em uma noite quente de verão na “Nossa Senhora de Agosto”, no Colle dos Becchi.

A JMJ como uma experiência sinodal de renovação da Igreja

Interromper a vida de uma cidade é sempre um ato extraordinário. Encher as ruas com jovens de todos os cantos do mundo é uma lembrança comovente. Uma Jornada Mundial da

Juventude é isso e muito mais.

A organização de uma JMJ exige muitas horas de trabalho, colocando todos os tipos de recursos à disposição dos jovens. Se der frutos espirituais proporcionais ao esforço, terá valido a pena, tudo por uma razão educativa, comunicativa e evangelizadora: o objetivo de um evento como esse é tornar Jesus Cristo conhecido por um grande número de jovens e conseguir fazê-los entender que segui-lo é um caminho seguro para encontrar a felicidade.

É para os jovens que devemos olhar com especial carinho nestes dias e descobrir o segredo de um fenômeno surpreendente: uma “revolução silenciosa” está ocorrendo no mundo da juventude, cujo maior palco são as Jornadas Mundiais da Juventude. Jovens que levantam questões entre os cristãos e não têm medo de se mostrar como tais, jovens que não querem ser intimidados e muito menos enganados, jovens que trazem entusiasmo e paixão para provocar mudanças.

Essas reuniões continuam a surpreender tanto dentro quanto fora da Igreja. E são um retrato de uma juventude muito diferente daquela proposta por alguns, sedenta de valores, buscando o sentido mais profundo da vida, com o desejo de um mundo diferente daquele que encontramos quando chegamos.

Hoje, uma porcentagem significativa dos participantes da JMJ vem de origens familiares, sociais e culturais muito diferentes. Muitos desses jovens peregrinos não têm pontos de referência cristãos em seus próprios contextos. Nesse sentido, a vida de muitos deles se assemelha ao surfe: eles não podem esperar mudar a onda, mas se adaptam a ela para direcionar a prancha para onde querem que ela vá. Esses rostos radiantes da Igreja acordam todos os dias com o desejo de serem melhores seguidores de Jesus entre seus familiares, amigos e conhecidos.

Os jovens têm a força para dar o melhor de si, mas precisam

saber que esse compromisso é factível, precisam da cumplicidade dos adultos, precisam acreditar que essa luta não é estéril nem está fadada ao fracasso. Por esse motivo, as Jornadas são uma forma de os jovens experimentarem a sinodalidade, o estilo particular que caracteriza a vida e a missão da Igreja. Pertencer à comunidade de sua igreja local implica pertencer a uma comunidade muito maior e universal. Uma comunidade na qual precisamos que todos, jovens e idosos, “assumam o controle do mundo”.

Para isso, é necessário cultivar certas atitudes para essa nova espiritualidade sinodal. A JMJ nos permite:

- compartilhar as pequenas histórias dos outros, experimentando a coragem de falar livremente e trazer para a mesa conversas profundas que vêm de dentro;
- aprender a crescer junto com os outros e apreciar como estamos nos somando uns aos outros, mesmo que em “velocidades” diferentes (estilos, idades, visões, culturas, dons, carismas e ministérios na Igreja);
- cuidar dos “espaços verdes da comunidade” para nosso relacionamento com Deus, cuidar de nossa conexão com a fonte da vida, com Aquele que cuida de nós, enraizar nossa confiança e nossas esperanças nEle, descarregar nossas preocupações nEle, ser capaz de “assumir” a missão que Ele deixa em nossas mãos;
- aceitar e acolher nossa fragilidade, que nos conecta à fragilidade de nosso mundo e da mãe Terra;
- ser uma voz que se junta a muitas outras para denunciar os excessos que estão sendo cometidos atualmente contra o Planeta e para tomar ações comuns que contribuam para o surgimento de uma cidadania mais responsável e ecológica;
- reorientar os processos pastorais em conjunto a partir de uma perspectiva mais aberta e inclusiva, tornando-nos prontos para “ir ao encontro” de todos os jovens onde quer que estejam, e tornar visível e real o desejo de ser uma “Igreja em movimento” que alcança tanto os crentes quanto os não crentes, e de se tornar uma companheira de viagem para aqueles

que querem ou precisam dela.

Em suma, uma Igreja sinodal que promove uma mudança de coração e mente que nos permite abordar nossa missão da maneira de JESUS. Um convite para sentir dentro de nós o toque e o olhar de Jesus que sempre nos renova.

Site oficial da JMJ 2023: <https://www.lisboa2023.org>

Site do saltisani da JMJ 2023: <https://wyddonbosco23.pt>

Casa Salesiana Tibidabo

Localizada no pico mais alto das montanhas de Collserola, oferecendo uma bela vista de Barcelona, a Casa Salesiana Tibidabo tem uma história especial, ligada à visita de Dom Bosco à Espanha, realizada em 1886.

O nome da colina, “Tibidabo”, deriva do latim “Tibi dabo”, que significa “Eu te darei”, e deriva de alguns versículos da Sagrada Escritura: “... et dixit illi haec tibi omnia dabo si cadens adoraveris me”, “... e lhe disse: “Eu te darei tudo isso, se caíres de joelhos para me adorar” (Mateus 4,9). Essa frase é dita pelo diabo a Jesus de uma grande altura, mostrando-lhe os reinos da terra, tentando-o com as riquezas deste mundo.

O antigo nome da colina de Barcelona era Puig de l'Àliga (Colina da Águia). O novo nome “Tibidabo”, assim como outros nomes bíblicos (Vale de Hebron, Monte Carmelo etc.), foi dado por algumas pessoas religiosas que viviam na área. A escolha desse novo nome foi feita devido à vista majestosa que oferece sobre a cidade de Barcelona, de uma altura que dá a sensação de dominar tudo.

Durante sua viagem à Espanha, na tarde de 5 de maio de 1886, Dom Bosco foi à basílica de Nossa Senhora das Mercês,

padroeira da cidade de Barcelona, para agradecer-lhe os favores recebidos durante sua visita à cidade e à obra salesiana iniciada em Sarriá. Lá, alguns membros das Conferências de São Vicente de Paulo se aproximaram dele, deram-lhe a propriedade de um pedaço de terra no alto do Tibidabo e pediram-lhe que construísse ali um santuário ao Sagrado Coração de Jesus. Eles lhe pediram esse favor “para manter firme e indestrutível a religião que o senhor nos pregou com tanto zelo e exemplo e que é a herança de nossos pais”.

A reação de Dom Bosco foi espontânea: “Estou confuso com essa nova e inesperada prova de sua religiosidade e piedade. Agradeço-lhe por isso; mas saibam que, neste momento, o senhor é um instrumento da Providência divina. Quando eu estava saindo de Turim para vir para a Espanha, pensei comigo mesmo: agora que a Igreja do Sagrado Coração em Roma está quase pronta, devemos estudar como promover cada vez mais a devoção ao Sagrado Coração de Jesus. E uma voz interior me assegurou que eu encontraria os meios para realizar meu desejo. Essa voz me repetia: Tibidabo, Tibidabo (eu te darei, eu te darei). Sim, senhores, os senhores são os instrumentos da Divina Providência. Com sua ajuda, em breve será construído neste monte um santuário dedicado ao Sagrado Coração de Jesus; ali todos terão a comodidade de se aproximarem dos santos sacramentos, e sua caridade e fé, das quais me deram tantas e tão belas provas, serão sempre lembradas” ([MB XVIII,114](#)).

Em 3 de julho do mesmo ano, 1886, a agora Venerável Doroteia de Chopitea, promotora do trabalho salesiano em Barcelona e facilitadora da visita de Dom Bosco à cidade, financiou a construção de uma pequena capela dedicada ao Sagrado Coração na mesma colina.

O projeto de construção do templo sofreu um atraso significativo, principalmente devido ao surgimento de um novo projeto para construir um observatório astronômico no topo do Tibidabo, que acabou sendo construído em uma colina próxima

(Observatório Fabra).

Em 1902, foi lançada a pedra fundamental da igreja e, em 1911, a cripta do atual santuário de Tibidabo foi inaugurada na presença do então Reitor-Mor, P. Paulo Álbera. Poucos dias após a inauguração, a cripta foi denominada “Templo Expiatório e Nacional do Sagrado Coração de Jesus”, de acordo com uma decisão tomada no XXII Congresso Eucarístico Internacional, realizado em Madri no final de junho de 1911. A obra foi concluída em 1961 com a construção da estátua do Sagrado Coração de Jesus, setenta e cinco anos após a visita de João Bosco a Barcelona. Em 29 de outubro de 1961, a igreja recebeu o título de basílica menor, concedido pelo Papa João XXIII.

Hoje, o templo continua a atrair um grande número de peregrinos e visitantes de todo o mundo. Ele acolhe cordialmente todos aqueles que vêm à Basílica do Sagrado Coração de Jesus, por qualquer motivo, dando-lhes a oportunidade de receber a mensagem do Evangelho e de se aproximar dos sacramentos, especialmente a Eucaristia e a Reconciliação. Ao mesmo tempo, é uma paróquia confiada aos salesianos, embora tenha poucos paroquianos permanentes.

Para aqueles que vêm com a intenção de passar algum tempo em oração, também disponibiliza os materiais oferecidos pela Rede Mundial de Oração do Papa, da qual o Templo é membro.

A adoração ao Santíssimo Sacramento continua durante o dia, e é incentivada a prática da adoração à noite.

E para aqueles que desejam fazer um retiro são oferecidas acomodações e alimentação dentro da estrutura salesiana.

Uma obra dedicada ao Sagrado Coração de Jesus, desejada pela Providência através de São João Bosco, que continua sua missão ao longo da história.

Dom Joan Codina i Giol, sdb

Diretor Tibidabo

Galeria de fotos Casa Salesiana em Tibidabo

1 / 6



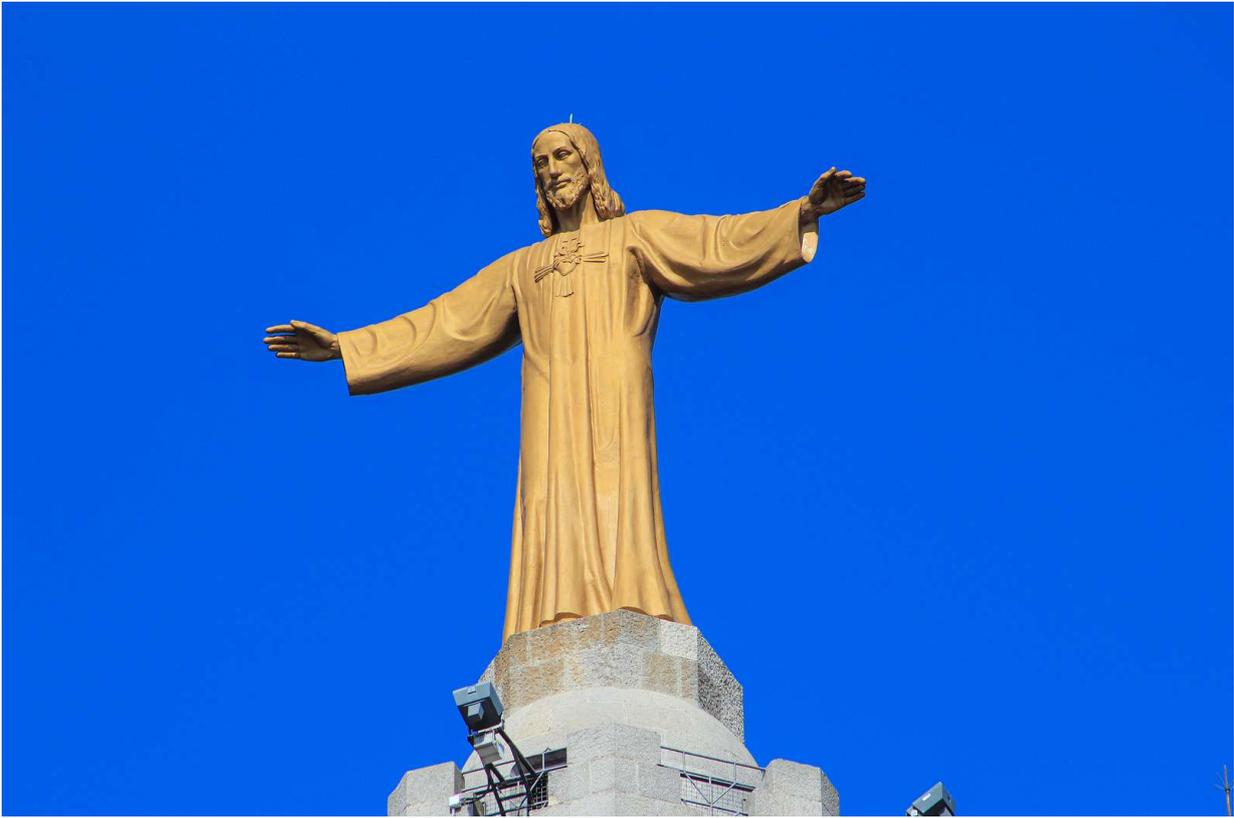
2 / 6



3 / 6



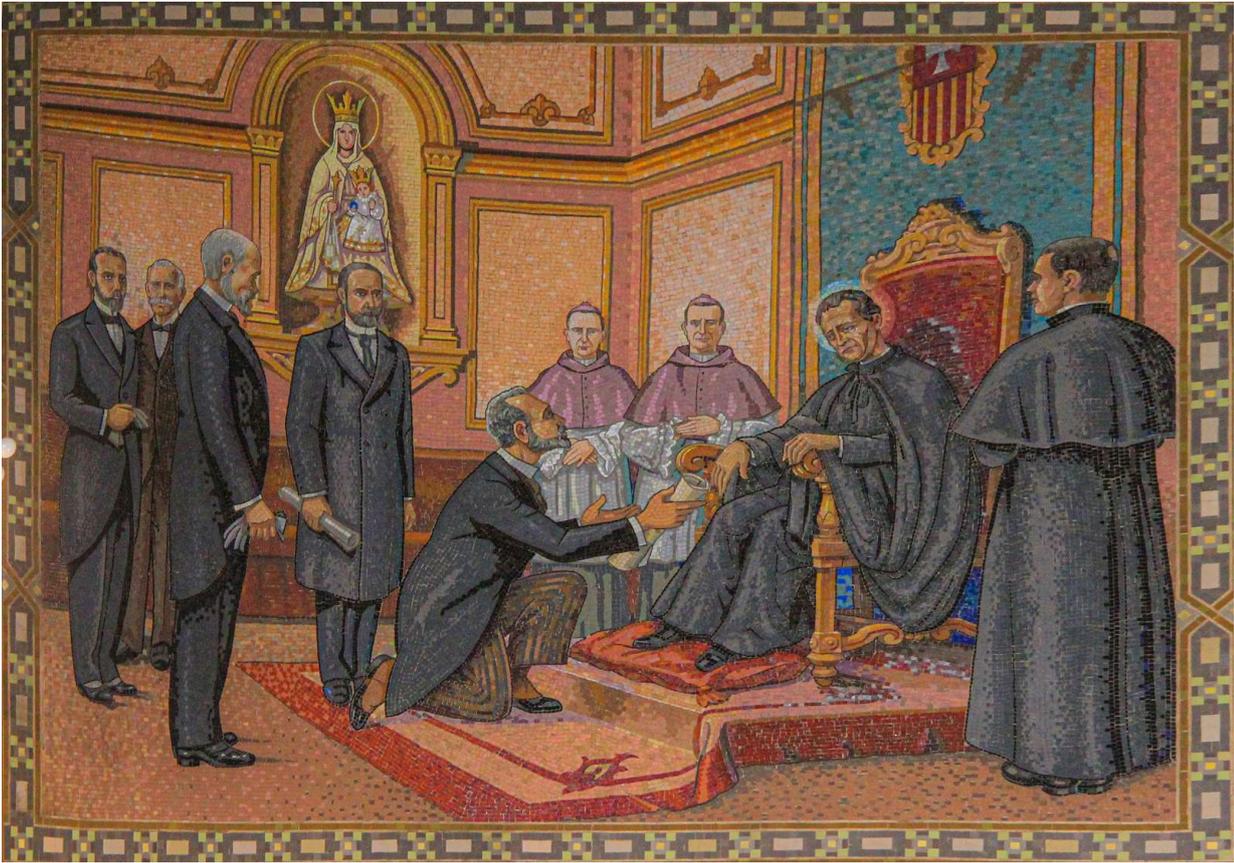
4 / 6



5 / 6



6 / 6



<

>



TEMPLO NACIONAL EXPIATORIO - TIBIDABO (Barcelona.)
1 - Vista general de las obras de la Cripta.

